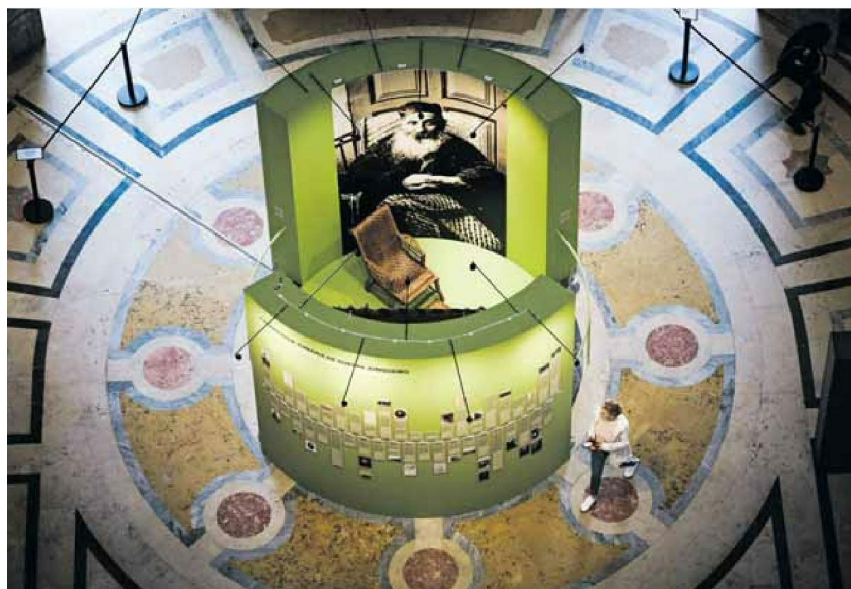


Cultura Parte da colecção de arte do escritor está no Panteão



Guerra Junqueiro, o escritor-político que fazia vinho e coleccionava El Grecos

Lucinda Canelas Texto
Daniel Rocha Fotografia

Começou a coleccionar aos 30 anos, já depois de casado. Usou, aliás, parte do "dote" do matrimónio para investir em "coisas antigas". Guerra Junqueiro (1850-1923) – escritor, poeta, político com fortes convicções republicanas, diplomata, jornalista e até produtor de vinho, na sua Quinta da Batoca, no Alto Douro – comprava, trocava, vendia e voltava a comprar obras que o atraíam, de norte a sul do país e também fora dele. Foi assim até ao fim da vida.

"Casei em Viana do Castelo, toda a gente diz com uma mulher riquíssima. Sabe quanto ela tinha? Trinta contos. Empreguei 12 em coisas antigas, principalmente em peças de arte religiosa, em quadros, em louça portuguesa do século XVI, e em algumas peças italianas ou hispano-árabes, que feitas as contas me saíram a 1750 cada uma", cita outro escritor seu contemporâneo, Raul Brandão, nas suas *Memórias*.

"Ele não tinha formação em arte, é verdade, mas era muito curioso, leu muito, viu muito e acabou por desenvolver um gosto refinadíssimo", diz a historiadora de arte Maria João Neto. Com Clara Moura Soares, partilha o comissariado da exposição *Guerra Junqueiro e o Capricho da Arte*, que até meados de Abril leva ao Panteão Nacional, em Lisboa, uma série de peças reunidas pelo escritor que foi deputado e candidato à Presidência da República.

"Guerra Junqueiro sabia o que lhe interessava adquirir, conhecia os artistas e os seus percursos e aconselhava-se bem junto de *marchands* em quem confiava, em Portugal e sobretudo no estrangeiro", explica a curadora,

que não sabe ainda explicar por que razão não comprava ele a arte do seu tempo, ainda que fosse muito próximo de artistas como António Carneiro e Teixeira Lopes.

"Gostava especialmente de arte antiga, mas era muito eclético nesse gosto. Acho que era a beleza das coisas que o emocionava", continua a professora da Faculdade de Letras de Lisboa. "Tinha uma sensibilidade estética muito apurada e tornou-se um grande conhecedor, que não se deixava enganar por galeristas e antiquários. Tinha, como se costuma dizer, um bom olho."

Percorre-se a pequena exposição do panteão do núcleo biográfico inicial, com a sua cadeira de palhinha já restaurada, uma das secretárias que usou e outros objectos pessoais, às duas salas com obras da colecção ou reproduções de outras que lhe pertenceram e que estão hoje em museus em Portugal e no estrangeiro – e torna-se evidente que o seu interesse pela arte não se deixava espartilhar por tipologias ou cronologias, nem o levava a ignorar o que era de produção artesanal.

Na sua colecção, as faianças e os têxteis tradicionais conviviam com a pintura renascentista, os desenhos dos grandes mestres, o mobiliário português do século XVIII e a ourivesaria, lembrava em 2023 o Museu Nacional de Arte Antiga (MNAA), em Lisboa, num texto breve que acompanhava a exposição com que assinalou o centenário da morte deste político que começou por estudar teologia e acabou fervorosamente anticlerical.

Em Portugal, o que restou do acervo que reuniu está actualmente disperso pelo pólo Guerra Junqueiro do Museu do Porto (ourivesaria), pela

No primeiro núcleo da exposição (em cima, à esq.), uma cronologia permite acompanhar o percurso de Guerra Junqueiro, tantas vezes caricaturado e fotografado pela imprensa da época

fundação que leva o seu nome e pelo MNAA. Ainda em vida, e depois de lhe ter doado várias peças, Guerra Junqueiro vendeu a este museu de Lisboa, por uma quantia simbólica, um conjunto de 39 obras, sobretudo pintura antiga, mas também desenho e aquarela, para ajudar a custear o casamento da sua filha mais velha, Maria Isabel. Em testamento, legou-lhe ainda esculturas em alabastro, pedra e madeira, assim como objectos em metal.

"Por último acabei por oferecer ao Museu Nacional de Arte Antiga por um conto e setecentos mil réis obras de arte que valem 20", lê-se no livro de Raul Brandão.



Exposição no Panteão Nacional, em Lisboa, mostra a faceta de coleccionador de um homem profundamente republicano e anticlerical, que nunca fugiu a polémicas. Até meados de Abril



“É um autodidacta no que toca à arte, mas reúne uma colecção notável, também com tapeçaria europeia de altíssima qualidade e cerâmica de Delft”, acrescenta Maria João Neto, junto a um original da escola flamenga que mostra um *S. Jerónimo* magro, mas musculado, e apontando para fotografias da casa do político em que são visíveis dezenas de pinturas, esculturas, tapeçarias, peças de cerâmica e de mobiliário de épocas e proveniências muito diversas. “Guerra Junqueira acredita que é preciso apostar na educação e na cultura como veículos de promoção social e, dada a sua forte consciência cívica, acha que é fundamental que a colecção esteja acessível a todos, em museus”, observa. À imagem, aliás, de outros colecionadores republicanos como Bernardino Machado ou José Relvas.

Em fotografia mostram-se também algumas das pinturas que hoje estão nas paredes do MNAA – um *Retrato de Senhora* (Países Baixos, século XVII) atribuído a Abraham van den

Tempel ou a belíssima *Estigmatização de São Francisco* (Espanha 1450-1510), cujo autor se desconhece – e duas outras que pertencem ao Museu de Belas Artes de Budapeste. Trata-se de dois El Grecos – *Cristo no Jardim das Oliveiras* e *Apóstolo Santo André* – que acabou por vender a um *marchand* francês, a quem o barão Mór Lipót Herzog, um banqueiro húngaro judeu e grande colecionador de arte, viria a adquiri-los.

“Tinha comprado em Espanha uma colecção de quadros, que nesse tempo se vendiam por uma cêdea, e lembrei-me de os oferecer ao Estado pelo seu custo. Viram logo nisso um negócio. Apareceu-me então um francês, que me comprou os Grecos”, explica ainda nas *Memórias* de Raul Brandão. “Os Grecos que se cotam hoje em Paris por um preço fabuloso.”

A venda das duas pinturas de Doménikos Theotokópoulos (1541-1614), o artista nascido em Creta que passou boa parte da vida em Espanha e que a maioria conhece simplesmente como El Greco, ter-se-á dado em 1908, ano em que, para além de lidar com acusações de envolvimento no regicídio de D. Carlos I, Guerra Junqueiro teve ainda de voltar a custear tratamentos da sua filha mais nova, Júlia Francisca.

“Esta é uma filha quase secreta, de que muito pouco se sabe, para além de que estaria muitas vezes internada, provavelmente devido a uma doença mental”, explica a comissária. “Nessa altura as questões relacionadas com aquilo a que se chamava a loucura eram muito ocultadas, mas o facto de ele ter escolhido um posto diplomático na Suíça deve ter tido a ver com os sanatórios onde esta filha poderia ficar.”

Júlia Francisca não aparece em nenhuma fotografia conhecida da família, lembra a historiadora de arte, e para a conhecer melhor, bem como a muitos outros aspectos da vida do escritor, incluindo a sua colecção, será preciso estudar o espólio documental que se encontra à guarda da fundação, “praticamente todo por explorar”. “Sabemos que ele comprava as obras, muitas vezes no estrangeiro, para si mesmo, mas também para vender a

outros colecionadores nacionais, que confiavam nas suas escolhas, incluindo a casa real”, continua Neto. “Não há grandes registos da colecção. O que sabemos vem sobretudo dos jornais e revistas da época. O que está mais estudado é o conjunto de pratos de Delft. Espero que esta exposição seja o ponto de partida para aprofundar a investigação.”

À procura da beleza

Entre as publicações que na época deram atenção à colecção de Guerra Junqueiro está a revista ilustrada *Serões*. É lá que outro Brandão escritor, Júlio, assina um perfil de Guerra Junqueiro, homem que participou em muitos dos debates políticos e culturais mais acesos do seu tempo e que, apesar de ter cultivado polémicas várias, acabou reconhecido em vida e na morte, tendo direito a um funeral de Estado e a uma sepultura no Mosteiro dos Jerónimos (foi trasladado para a Igreja de Santa Engrácia em 1966, quando o Estado Novo deu por terminada a obra).

No seu longo artigo, Júlio Brandão elenca os autores preferidos do escritor e político, começando por Esquilo e Dante, aos quais se seguem Shakespeare, Hugo, Goethe, Shelley, Camões e Antero, entre outros. “S. Francisco de Assis e Beethoven são os homens que ele mais admira. Cristo e Buda são para si os símbolos supremos dos super-homens”, escreve o também arqueólogo, fornecendo ainda muitos detalhes sobre a casa do escritor e sobre as peças de arte que a decoravam, destacando as “magníficas colecções de faianças” e os “rutilantes contadores hispano-árabes, que abertos pareciam de coral e ouro, e que se diriam feitos para guardar correspondência ardente dos namorados das *Mil e Uma Noites*”.

Aos olhos de Brandão não passa despercebida a pintura de El Greco que representa Cristo no Monte das Oliveiras, obra que descreve como “um grande quadro de museu com figuras sublimes”, da autoria de um “pintor excelso tantos anos quase desconhecido” (mesmo em Espanha, onde passou boa parte da sua vida, a sua obra só ganhou relevância no final da primeira década do século XX).

“Muitas pinturas italianas e flamengas”, “madonas e santos”, “esculturas deliciosas da sala de jantar”, retábulos em relevo, “um conluio de bruxas” desenhado por Goya e um retrato de Nun’Álvares Pereira, “talvez a sua tela mais amada”, compõem ainda uma “decoração” que, continua ainda Júlio Brandão, “não é de arte pela arte: é da arte vista através das formas definitivas e supremas da emoção e da ideia”.

Afinal, garante, “Guerra Junqueiro não foi um bric-à-bracista no sentido trivial da palavra. Procurava nas formas antigas ou perdidas da arte uma sugestão superior de beleza.” A exposição do Panteão Nacional é agora o cartão-de-visita da sua colecção.

